

VANDALISMO OU MOVIMENTO SOCIAL? AS JORNADAS DE JUNHO (2013)

VANDALISMO O MOVIMIENTO SOCIAL? LAS JORNADAS DE JUNIO (2013)

VANDALISM OR SOCIAL MOVEMENT? THE JUNE JOURNEYS (2013)

José Luís Sanfelice¹

Resumo: A presente pesquisa ocorreu no período posterior e ainda próximo dos acontecimentos aos quais se refere. Portanto, faltava ao autor o distanciamento que o transcorrer do tempo pode oferecer. As denominadas Jornadas de Junho (2013), como foi se convencionando chamar aquelas manifestações, ocasionaram em parte da intelectualidade ora um sentimento de espanto, ora o desejo de decifrar o significado delas. Fiz aqui o registro sintético do que se difundiu em alguns sítios confiáveis da Internet. Com o artifício das notas de rodapé busquei apontar que nada começou em junho de 2013 e que pouco há de conotação local. A tônica geral que pude perceber, se referia a uma expectativa coletiva: o que viria na sequência das manifestações? A pergunta continua presente.

Palavras-chave: Frente Internacionalista (FIST); Movimento Passe Livre (MPL); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Marcha das Vadias; Black Bloc.

Resumen: Esta investigación se produjo en el período y aún cerca de los acontecimientos a que se refiere. Por lo tanto, el autor carecía de la distancia que el paso del tiempo puede ofrecer. Las jornadas de junio (2013) llamado, como lo fue con la llamada convención de esas manifestaciones, llevó en parte de la intelectualidad a veces un sentimiento de asombro, a veces el deseo de descifrar su significado. Yo hice aquí el registro sintético que se ha extendido en algunos internet fiable. Con el artificio de las notas al pie tratado de señalar que nada se inició en junio de 2013 y que hay poca connotación local. El tono general que pude ver, se refería a una expectativa colectiva: ¿cuál fue la secuencia de los acontecimientos? La pregunta sigue siendo actual.

Palabras clave: Internacionalista delanteros (FIST); Movimiento Paso Libre (MPL); El Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST); Marzo de Perras; Bloque Negro.

Abstract: The present research occurred in the period and still close to the events to which it refers. Therefore, the author lacked the distance that the passage of time can offer. The June Days (2013) called, as it was with the convention call those manifestations, led in part of the intelligentsia sometimes a feeling of awe, sometimes the desire to decipher their meaning. I did here the synthetic record that has spread in some reliable internet. With the artifice of footnotes sought to point out that nothing began in June 2013 and that there is little local connotation. The general tone as I could tell, was referring to a collective expectation: what was the sequence of events? The question remains present.

Keywords: Internationalist Front (FIST); Free Pass Movement (MPL); The Landless Workers Movement (MST); March of bitches; Black Bloc.

As Jornadas de Junho (2013), denominação que se passou a dar às manifestações que levaram milhões de pessoas às ruas e praças de todo o Brasil, converteram-se, de imediato, em um grande desafio para a interpretação de inúmeros intelectuais. Sucederam-se análises de toda ordem e que, por serem feitas no imediatismo dos fatos, necessariamente se constituem em provisórias. Mas, o esforço para se compreender as ocorrências não pode ser minimizado, mesmo que ele esteja quase sempre acompanhado

de um certo ar de surpresa. Parecia que a sociedade brasileira caminhava razoavelmente bem. Tínhamos sobrevivido de forma não muito traumática às crises do capitalismo mundial e, estávamos em plena preparação para sediarmos a copa mundial de futebol. Aqueles carros e ônibus incendiados, aquelas fachadas de instituições financeiras estilhaçadas, as lojas de autos depredadas, as fogueiras pelas ruas, a luta de pedras e bombas entre manifestantes e policiais, as pessoas feridas e presas, enfim, qual era o significado disso tudo?

Cartazes postados por participantes diziam: Minha Casa – Minha Briga; Ser Gay é Mara... Aberração é o Preconceito; Direito Moradia – Direito Transporte – Direito Protesto a gente tem; Falta cumprir; Não vai ter copa. Um cartaz trazido por um grupo indígena ou caracterizado como tal, anunciava que a Aldeia x resiste. Uma faixa imensa anunciava a presença de uma Frente Internacional dos Sem Teto², acompanhada por bandeiras do PSTU³. Um cartaz preto nas mãos de uma mulher destacava: Fascismo a gente vê por aqui. Uma imensa faixa, também preta e com inscrição em branco, praticamente ocupando toda a rua, proclamava: Violência é a tarifa, numa menção ao custo das passagens do transporte coletivo. Uma bela jovem, de aparência muito sadia, fazia sua parte com um cartaz em branco e preto: Desculpe o transtorno, estamos mudando o país. E ainda sobre o custo dos transportes coletivos: Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar – *Passé livre*. E outras centenas de dizeres: sem ação não há reação; Vem pra rua; Que Brasil é esse? Enquanto tu grita gool! Eles estão te roubando; Todos juntos somos fortes; Pela paz e nossos direitos; Ato *não* partidário; Não quero copa. Quero educação; O gigante acordou; Queremos hospitais padrão FIFA; Façamos todos parte dessa luta; Transporte público e de qualidade; Não eleja politicuzinho; Defenda os correios. Ele é do povo; Tire a mão do meu bolso; Era um país muito engraçado: não tinha estudo, só tinha estádio.

Passeando pelas redes sociais eletrônicas, o universo de temas presentes nas múltiplas manifestações que se sucederam após o mês de junho/2013, é infinito. Então, qual seria mesmo o fio condutor delas? Houve um fio condutor?

Trago, para esta ocasião, ponderações que me chamaram a atenção. Por exemplo, a filósofa Chauí, em seu artigo intitulado *O inferno urbano e a política do favor, tutela e cooptação*, publicado em 28 de junho de 2013 no Blog da Boitempo apontou com muita pertinência que “Os manifestantes, simbolicamente, malgrado eles próprios e malgrado suas afirmações explícitas contra a política, realizaram um evento político: disseram não ao que aí está, contestando as ações dos Poderes Executivos municipais, estaduais e federal, assim como as do Poder Legislativo nos três níveis” (CHAUÍ, 2013). Ou seja, estamos, apesar de tudo, falando de um fenômeno essencialmente político.

Embora a autora foque as manifestações ocorridas na cidade de São Paulo, seu olhar se amplia para alguns aspectos que ela considera comuns ao ocorrido em outras cidades: “a forma de convocação, a questão da tarifa do transporte coletivo como ponto de partida, a desconfiança com relação à institucionalidade política como ponto de chegada, bem como o tratamento dado a elas (manifestações) pelos meios de comunicação (condenação inicial e celebração final, com a criminalização dos ‘vândalos’).

Segundo Chauí (2013), houve perplexidade diante das manifestações. “De onde vieram, e por que vieram se os grandes problemas que sempre atormentaram o país (desemprego, inflação, violência

urbana e no campo) estão com soluções bem encaminhadas e reina a estabilidade política?” Sem dúvida, no meu entendimento, uma visão otimista da filósofa. Entretanto, embora reconheça a procedência das perguntas, ela acha a perplexidade injustificável. Por que? Porque um ponto sempre focado pelos movimentos populares foi “*a situação da vida urbana nas grandes metrópoles brasileiras*” (grifo meu). Os traços mais marcantes das cidades seriam:

- a explosão do uso do automóvel individual em detrimento do transporte coletivo;
- a explosão imobiliária (condomínios e *shopping centers*) que produzem uma densidade demográfica e sem os serviços de infra-estrutura;
- o aumento da exclusão social e da desigualdade com a expulsão dos moradores das regiões favorecidas para as periferias e sem assistência (transporte, lazer, saúde, etc.) e;
- “o transporte coletivo indecente, indigno e mortífero” (ônibus, metrô e trens).

As montadoras de veículos, as empreiteiras da construção civil e as empresas de transporte coletivo dominam a cidade e constroem o inferno urbano. Se de um lado já existisse uma tradição de lutas contra as péssimas condições dos transportes em várias cidades (os quebra-quebras), o fato é que também tivemos, dos anos 70 aos 90, outras formas de expressão da democracia: era forte a ideia de direitos sociais, econômicos e culturais para além dos direitos civis liberais; a afirmação da capacidade auto-organizativa da sociedade e a introdução da prática da democracia participativa como condição da democracia representativa a ser efetivada pelos partidos políticos. Numa palavra: sindicatos, associações, entidades, movimentos sociais e movimentos populares eram políticos, valorizavam a política, propunham mudanças políticas e rumaram para a criação de partidos políticos como mediadores institucionais de suas demandas.

Quase tudo desapareceu com o efeito do neoliberalismo. Veio a fragmentação, a terceirização, a precarização do trabalho, o dispersamento da classe trabalhadora “que se vê diante do risco da perda de seus referenciais de identidade e de luta”; os movimentos sociais e populares refluíram e os espaços foram ocupados pelas ONGs (com outra lógica). Surgiu uma classe trabalhadora heterogênea, fragmentada, desorganizada, que ainda não tem sua forma de luta e não se apresenta no espaço público e é devorada por ideologias individualistas, de prosperidade e empreendedorismo, que só estimulam a competição, o isolamento, o conflito interpessoal, quebrando formas anteriores de sociabilidade solidária e de luta coletiva. É um salve-se quem puder! E, penso eu, um tanto despolitizado ou pouco politizado.

Para Chauí (2013) as manifestações guardaram uma tradição dos movimentos sociais e populares: a *organização horizontal*. Não houve hierarquias. Mas foram convocadas de modo diferente (*sem assembleias e pelas redes sociais*) e se transformaram em movimentos de massa com milhares de manifestantes na rua. Quebrou-se o monopólio dos meios de comunicação de massa, a partir do Movimento Passe Livre⁴.

O *pensamento mágico*: as redes são instrumentos indiferenciados e podem ser usados para convocar qualquer coisa. A ocorrência tem a forma de evento, é pontual, sem passado, sem futuro, sem saldo organizativo e na medida em que cresceu, se tornou um espetáculo de massa. Há uma dimensão mágica uma vez que os usuários *são usuários* da tecnologia e parece que basta apertar um botão para que tudo

aconteça e com uma satisfação imediata do desejo (um dos recursos mais profundos da sociedade de consumo defendida pelos meios de comunicação). Houve a recusa das mediações institucionais, um indicativo de uma ação própria da sociedade de massa, indiferente à determinação da classe social. Uma ação da juventude? Aparentemente homogêneo?

No ponto de chegada, as manifestações introduziram o tema da corrupção política e a recusa dos partidos políticos. A crítica às instituições políticas não é infundada. Conjunturalmente o inferno urbano é de responsabilidade dos partidos políticos governantes; no plano estrutural, com uma sociedade autoritária e excludente, os partidos políticos tendem a ser das oligarquias locais. Usam o público para os interesses privados. Os legislativos são de baixíssimo nível e a corrupção é estrutural. Clientelismo, tutela, cooptação são práticas substitutivas da *representação*. O PT (Partido dos Trabalhadores) abandonou a relação com aquilo que determinou seu nascimento e crescimento; virou máquina burocrática e eleitoral. *Mas, nada significa que os manifestantes tenham clara compreensão dos problemas.*

Chauí (2013) explora a ideia de que os movimentos assumiram da mídia que a política é, por essência, corrupta. Um equívoco dos movimentos que ao desacreditarem a política por inteiro, não se arvoram na construção de outros partidos, eticamente diferenciados e comprometidos com a construção da democracia. Em várias ocasiões participantes das Jornadas de Junho, identificados com partidos políticos, foram reprimidos violentamente. Não residem aí as potencialidades para se instaurar elementos do nazi-fascismo, fundamentos para as sociedades autoritárias e ditatoriais? O dizer “meu partido é meu país” não estaria expressando tal ideologia?

Em suas conclusões provisórias, a filósofa considera que as manifestações tiveram simbolicamente um sentido que contrabalança os limites apontados: apesar de tudo foram *eventos políticos* e disseram um não a muitas coisas que aí estão. Foram irreverentes e sugeriram brechas para a práxis política. Que a direita conservadora e reacionária não se aproprie delas mas, esse é o risco. Por exemplo: quanto que os filhos das classes médias habitantes de condomínios, condutores de veículos próprios desde quando completam seus dezoito anos, presentes nas manifestações, sentem a responsabilidade das suas famílias como co-autoras do caos urbano? Estariam esses jovens dispostos a se engajarem “na luta pela reforma política, a fim de inventar uma nova política, libertária, democrática, republicana, participativa?

João Pedro Stedile, da Coordenação Nacional do MST⁵, partilha da ideia da crise urbana que se instalou nas cidades brasileiras e que é provocada por essa etapa do capitalismo financeiro: a especulação imobiliária, a elevação dos preços dos aluguéis e terrenos em 15% nos últimos 3 anos, a venda de automóveis para remeter lucros ao exterior com os consequentes problemas locais de trânsito, a empurrada dos pobres para a periferia, a perda de 3, 4 ou mais horas para chegar e voltar do serviço, a condução precária e a péssima qualidade de serviços públicos (STEDILE, 2013).

Politicamente? Bem, são 15 anos de neoliberalismo e dez de um governo de composição de classe que tornaram a política refém apenas do interesse do capital. *Os partidos envelheceram.* Quem nasceu depois das *Diretas Já* não teve oportunidade de participar da política. Os capitalistas pagam as eleições dos políticos e eles os obedecem. Os partidos de esquerda se moldaram aos mesmos métodos. Mas a classe

trabalhadora ainda não foi para as ruas. Lá estão os filhos das classes médias, da classe média baixa e jovens do sub-proletariado que estudam e trabalham no setor de serviços e querem ser ouvidos.

Segundo Stedile há uma luta de classe na rua, embora ainda concentrada na luta ideológica, mas a juventude, por sua origem de classe, não tem consciência de que está participando de uma luta ideológica. E os jovens são disputados pela direita e pela esquerda, pelos capitalistas e pela classe trabalhadora.

Frei Betto, em *Correio da Cidadania* de 03 de julho de 2013, considera que as manifestações fundem “a cuca de analistas e cientistas políticos”. Por sua vez, os “Dirigentes partidários e lideranças políticas se perguntaram perplexos: quem lidera, se não estamos lá?”.

Para Frei Betto (2013) o recado das ruas é simples: “nossos governos se descolaram da base social. Para usar uma categoria marxista, a sociedade política se divorciou da sociedade civil...”. “A sociedade política – executivo, legislativo e judiciário – se convenceu de que representava de fato o povo brasileiro e mantinha sob seu controle os movimentos de representação da sociedade civil, como ocorre, hoje, com a UNE e a CUT...”. “Embora 10 anos de governo petista tenham melhorado as condições sociais e econômicas do Brasil, o povo não viu saciada sua fome de beleza – educação, cultura e participação política”. *O governo petista desprezou a governabilidade apoiada nos movimentos sociais.*

Eis o recado das ruas: democracia participativa, não apenas delegativa, ou seja, governo do povo, com o povo e para o povo. Isso não é utopia, desde que não se considere modelo perpétuo o pluripartidarismo e se admita que o regime democrático pode e deve ganhar novos desenhos de participação popular nas esferas do poder (BETTO, 2013).

Leonardo Boff, intitula seu artigo, *‘As multidões nas ruas: como interpretar?’*. Ele alerta: lembrem-se que a insurreição de massas humanas está varrendo o mundo todo, ocupando os únicos espaços que lhes restou: as ruas e as praças. Nenhum suporte às clássicas bandeiras do socialismo, das esquerdas, de algum partido libertador ou da revolução. As clássicas propostas se esgotaram ou não exercem fascínio para as massas.

Agora são temas ligados à vida concreta do cidadão: democracia participativa, trabalho para todos, direitos humanos pessoais e sociais, presença ativa das mulheres, transparência na coisa pública, clara rejeição a todo tipo de corrupção, um novo mundo possível e necessário. Ninguém se sente representado pelos poderes instituídos que geraram um mundo político palaciano, de costas para o povo ou manipulando diretamente os cidadãos. (BOFF, 2013).

[...] importa reconhecer que é o primeiro grande evento, fruto de uma nova fase da comunicação humana, esta totalmente aberta, de uma democracia em grau zero que se expressa pelas redes sociais. Cada cidadão pode sair do anonimato, dizer sua palavra, encontrar seus interlocutores, organizar grupos e encontros, formular uma bandeira e sair à rua. De repente, formam-se redes de redes que movimentam milhares de pessoas para além dos limites do espaço e do tempo. Esse fenômeno precisa ser analisado de forma acurada porque pode representar um salto civilizatório que definirá um rumo novo à história, não só de um país mas de toda a humanidade. As manifestações do Brasil provocaram manifestações de solidariedade em dezenas e dezenas de outras cidades do mundo, especialmente na Europa. De repente o Brasil não é mais só dos brasileiros. É uma porção da humanidade que se identifica como espécie, numa mesma Casa Comum, ao redor de causas coletivas e universais (BOFF, 2013).

Boff se indaga: por que as manifestações ocorreram agora no Brasil? Provavelmente o povo tenha se saturado do tipo de política que vem sendo praticada. Já não basta a bolsa família, a luz para todos, o minha casa minha vida e o crédito consignado, programas oficiais de governos. Também já não basta o ingresso na sociedade de consumo. O povo quer *beleza*: “educação, cultura, reconhecimento da dignidade humana e dos direitos pessoais e sociais como saúde com qualidade mínima e transporte menos desumano” (BOFF, 2013).

Por sua vez Marcelo Ridenti, professor de sociologia da UNICAMP, se indagou: *‘Que juventude é essa?’*. Também surpreso responde: “De modo inesperado, tomaram as ruas os netos da Marcha da Família com Deus pela liberdade de 1964⁷ e da Passeata dos Cem Mil de 1968⁸. Os filhos dos que apoiaram a eleição de Collor em 1989 e dos que se manifestaram por seu impeachment em 1992⁹. Todos contraditoriamente juntos” (BOFF, 2013).

O sociólogo identifica um outro contexto onde se encontraram a diversidade de insatisfações e a mistura de sinais ideológicos. Teria havido, nas manifestações, a possibilidade de cada um identificar no movimento a realização de seu próprio desejo. E, é possível que todos tenham um ponto de vista com algo de verdade e mistificação.

[...] quem se lança às ruas. Ao que tudo indica até o momento, são principalmente setores da juventude, até há pouco tida como despolitizada, e que não deixa de expressar as contradições da sociedade. Parece tratar-se de uma juventude sobretudo das camadas médias, beneficiadas por mudanças nos níveis de escolaridade, mas inseguras diante de suas consequências e com pouca formação política (BOFF, 2013).

As interpretações imediatas das jornadas de junho foram tão múltiplas quanto as reivindicações que lá estavam presentes. Um mês após os primeiros acontecimentos <globo.com/politica> postou matéria intitulada: *Em cartazes, analistas avaliam 1 mês de manifestações nas ruas*. Graficamente pode se reproduzir da seguinte forma o seu conteúdo:

| <i>Autor</i> | <i>O que originou os protestos pelo país?</i> | <i>O que esperar agora?</i> |
|--|---|--|
| Cristiano Noronha, vice-presidente da <i>Arko Advice</i> , consultoria de políticas públicas e conjuntura política. | “O movimento explodiu pelo transporte e foi crescendo porque vários grupos também viam coisas erradas e outras pautas foram sendo agregadas”. | “Vai caminhar para período de redução gradativa dos protestos, mas há possibilidade de voltarem no próximo ano por conta da Copa que pode dar visibilidade, e é também ano de eleição”. |
| Dario Caldas, sociólogo e consultor do escritório de tendências Observatório de Sinais. | “O consumismo mostrou que faltava muito mais. Os ganhos concretos dos brasileiros nos últimos anos também se reverteram em insatisfação porque se quer mais, melhor”. | “Pode haver momentos de mobilização menor, mas à medida que haja demanda, as pessoas voltam a caminhar, retomam esse movimento”. |
| Fábio Malini, coordenador do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura, o Lalic, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). | “Infraestrutura urbana, qualidade da política, direito das minorias e educação e saúde são as principais questões do movimento”. | “Diálogo participativo vai ser elemento fundamental que demarca o futuro da política brasileira. Interface entre rua e política ajuda a transformar lista de reivindicações em propostas mais estruturadas”. |
| Geraldo Tadeu Moreira Monteiro, doutor em direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e cientista político do Instituto Universitário | “As pessoas querem governo mais responsável, em todos os sentidos. Que responde aos anseios das pessoas, capaz de pensar estrategicamente, não fique só no dia a dia da barganha política”. | “A agenda se produz através de liderança. Que novas lideranças ao lado dos mais experientes venham a direcionar essa energia desses protestos para uma agenda”. |

| | | |
|---|--|---|
| de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). | | |
| José Alvaro Moisés, professor de Ciência Política na Universidade de São Paulo (USP) e diretor do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da USP. | “Não que não tenha democracia, mas as pessoas perceberam que algumas instituições não estão funcionando para o que existem. Manifestantes, na maioria, são filhos da nova democracia e quiseram fazer cumprir essas promessas”. | “O mito da passividade do brasileiro foi quebrado com as manifestações. Começaram a comparar prioridades dos governos brasileiros, senso crítico que só pode ser explicado pela expansão do acesso ao ensino”. |
| Marco Antonio Carvalho Teixeira, vice-coordenador do curso de Administração Pública da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP). | “Sociedade quer melhores políticas públicas e classe política mais qualificada, no trabalho e na relação com a própria sociedade. Quer ser incorporada como próprio protagonista das decisões”. | “O Estado reconheceu que não pode ver o cidadão como planilha. Alguns canais estão sendo retomados como plebiscito, e instituições tradicionais têm de se abrir para canais efetivos de interlocução”. |
| Luiz Felipe Pondé, filósofo e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). | “Tem pano de fundo com economia em decadência, a classe média baixa endividada até o pescoço, a inflação subindo que atrapalha o consumo. Esgotou a bandeira de crescimento em cima da classe C”. | “Movimento criou cultura volátil de que qualquer coisa que me incomoda eu reclamo, o que parece negativo. E governo tem de dar resposta rápida, o que acho ruim porque chega a mandar a população escolher coisas técnicas”. |
| Marco Aurélio Santana, sociólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. | “Uma década neoliberal e outra em social democracia periférica com avanços e limitações produziram uma pane de canais que pudessem servir para a condução de demandas como costumeiramente”. | “Uma coisa é certa não se sairá deste movimento como nele se entrou. A experiência política das ruas, destes dias, para toda uma geração de jovens ficará sempre como horizonte de possibilidades” |
| Peter Fry, antropólogo inglês e professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). | “O que está por trás de tudo é a ineficiência, o que causa a ineficiência, a corrupção, não apenas a corrupção, mas a maneira como se faz a política do Brasil, que é muito antiga, que é o favor”. | “O movimento perdeu o controle de si mesmo, cada setor da sociedade está querendo tomar partido da situação. Achei no começo algo libertador, agora parece que cada setor quer tirar vantagem, isso paralisa o país e me assusta muito”. |
| Rubens Figueiredo, cientista político. | “Problemas econômicos, serviços públicos lastimáveis, absoluta demonstração de descaso com dinheiro público, a vida privada do brasileiro está um inferno isso cria um caldo que quando há um estopim, uma hora explode”. | “De uma hora para outra, todo mundo começou a se interessar por política, isso é incomum na sociedade moderna”. |
| Valeriano Costa, sociólogo, cientista político da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). | “A política está totalmente distanciada ou privatizada, é preciso restaurar o sentido da política. Os protestos estão baseados nessa vontade de se fazer visível, legitimando as decisões a partir de sua postura como cidadão”. | “Poder público deu resposta e fez o movimento parar para ver plebiscito, referendo, aprovação de leis que estavam pendentes. Fase de aguardar um pouco, a cidadania está dando um tempo para as respostas. A população mostrou que tem poder além do que se imaginava e do que conseguia visualizar”. |
| Ivonne Maggie, professora de antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e colunista do G1. | “Acho que a principal razão é chega, estamos fartos de não sermos ouvidos. Desrespeito absoluto que levou as pessoas a fazer isso. Acho que as pessoas estão querendo manifestar as suas posições”. | “Minha esperança é que saiam representantes mais conscientes porque não estão representados em partidos. Eles tem de ter uma voz”. |
| Marcos Nobre, filósofo político, professor da Universidade Estadual de | “Não tentaria procurar causa principal, já que as causas são muitas. O que há é um traço de união, é uma rejeição à maneira | |

| | | |
|---|---|--|
| Campinas (Unicamp) e autor do <i>e-book</i> ‘Choque de democracia – Razões da Revolta’. | como o sistema político funciona, e uma maneira de expressar uma democracia pouco democrática ainda”. | |
|---|---|--|

Fonte: Disponível em: <[g1.globo.com/politica/fotos/2013/07/em cartazes – analistas – avaliam – 1 – mês – de – manifestações – nas – ruas.html#F8660](http://g1.globo.com/politica/fotos/2013/07/em-cartazes-analistas-avaliam-1-mes-de-manifestacoes-nas-ruas.html#F8660)>. Acesso em: 27 fev. 2014.

Quaisquer que fossem as causas assumidas pelos manifestantes e mesmo na sempre confusa expressão das manifestações, algo estava acontecendo. A mídia começou exercendo ações que exploravam imagens sob todos os ângulos. A reação inicial do policiamento foi violentíssima. E, de repente, não mais do que de repente, a mídia começou a mudar sua posição. Enfim, eram manifestações de descontentamento mas, fruto da democracia. Era um novo momento de conscientização da juventude. As causas (quais?) eram justas. E o discurso explícito da direita conservadora se pôs em campo para capitalizar os efeitos políticos que com certeza seriam gerados. Abrir espaços para a ampliação da direita conservadora tornou-se uma evidência. Na fluidez das representações políticas legítimas ausentes de praticamente tudo, chegou-se a falar em um novo golpe, à moda daquele ocorrido em 1964 e por completar cinquenta anos.

A estratégia midiática passou a identificar, nas manifestações, os bons e os maus elementos. A polícia parecia proteger os bons e se via obrigada a se confrontar com os maus, batizados de baderneiros e de vândalos. E quem eram os vândalos? Como identifica-los? “De todas as perguntas, a que mais intrigou o país segue sem resposta clara: em meio ao mar de cabeças e punhos em riste, quem eram e o que queriam aqueles jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos?” (LOCATELLI; VIEIRA, 2013).

Surgiu então, na imprensa nacional, o termo *Black Bloc*. Jovens anarquistas, anticapitalistas e antiglobalização? O lema seria “destruir a propriedade de grandes corporações e enfrentar a polícia”? (id. Ibid).

Corretos ou não, a tática Black Bloc forçou a discussão sobre o uso da desobediência civil e da ação direta, do questionamento da mobilização pelo próprio sistema representativo. Ignorá-los não resolve a questão: o que faz um jovem se juntar a desconhecidos para atacar o patrimônio de empresas privadas sob risco de apanhar da polícia? (LOCATELLI; VIEIRA, 2013).

Na fala de um militante?, seguidor?, adepto? e/ou membro? algumas pistas: insatisfação com o sistema político e econômico; usar os símbolos da sociedade para a quebra de preconceitos seja do alvo atacado ou da própria ideia de vandalismo.

As ações de depredação não seriam violentas por não serem contra pessoas. ‘Não há violência. Há performance’. X confia em coletivos como o MPL e a Marcha das Vadias¹⁰. Mas não em partidos políticos. ‘Não me sinto representado por partidos. Não sou a favor da democracia participativa e, sim, de uma democracia direta’. Estudar política e quebrar bancos caminham juntos. ‘Não se trata de depredar pelo simples prazer de quebrar ou pichar coisas, mas de atacar o símbolo representado ali. Quando atacamos uma agência bancária, não somos ingênuos de acreditar que estamos ajudando a falir um banco, mas tornando evidente a imunidade do capitalismo’. (LOCATELLI; VIEIRA, 2013.).

Há muito o que se entender sobre o Black Bloc no Brasil. A denominação provavelmente surgiu na Alemanha dos anos 80. A pauta era ecologia radical e com a função específica de isolar os

manifestantes da polícia. Suas manifestações passaram a correr mundo e o anarquismo dominou o Black Bloc. Aqui no Brasil, “Num primeiro ato, protegeram os manifestantes da repressão policial, tradição alemã. Depois, sobrou o modelo americano, de ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático” (LOCATELLI; VIEIRA, 2013):

No fim de junho, o país viu o MPL conseguir, na base dos protestos nas ruas, baixar a tarifa de ônibus Brasil afora. Sem sua organização, os protestos continuaram com bandeiras confusas e reivindicações mais amplas – exatamente a conjuntura na qual os Black Blocs florescem. Se no começo eles tomavam carona em protestos organizados por entidades com pautas claras, pouco a pouco passaram a agir sozinhos. O protesto de terça 30, por exemplo, teve a convocação apócrifa. Tais manifestações tendem a ocorrer cada vez mais desse jeito: instantâneas, acéfalas, impossíveis de controlar. Como não são uma organização, mas uma tática condicionada a contextos políticos, os Black Blocs devem surgir com mais frequência. A Copa do Mundo e as Olimpíadas, com seus espaços delimitados, gastos controversos e simbologias fartas, são alvos esperados. (LOCATELLI; VIEIRA, 2013.).

E as opiniões sobre os Black Blocs, mesmo que não fundamentadas no conhecimento histórico das suas ações, se dividiram radicalmente. Alguns ufanistas viram neles uma possível vanguarda de uma revolução anticapitalista. Uma certa mídia espetacularizou os quebra-quebra e, concentrando aí a divulgação da sua comunicação, desviou a atenção de uma dimensão talvez maior dos protestos gerais. Grande parte da esquerda se calou ou evitou de manifestar apoio. A direita oportunista fez a parte dela.

Se não foi ainda possível fazer um balanço denso do significado real das Jornadas de Junho de 2013, algo fica no ar. Aproxima-se junho de 2014 quando ocorrerá a Copa do Mundo. No último ano alguns problemas econômicos, sociais, políticos e morais se agravaram. Haverá na sequência importante disputa eleitoral para as principais funções dos poderes executivo e legislativo. Tudo se relacionará de forma lógica ou não. A história processo está em aberto.

Com o presente texto pretendi modestamente sintetizar ideias que subsidiem o leitor a formar a sua própria opinião. E, com o artifício das notas de rodapé busquei apontar que nada começou em junho de 2013 e que pouco há de conotação local. Poderia ter ido mais longe no tempo ou ter sido mais extenso na incorporação de outros sujeitos sociais. As causas pelas quais se pode ainda lutar, continuam sendo muitas.

Referências:

BETTO, F. Recado das ruas. *Brasil de Fato*, São Paulo, 03 jul. 2013. Disponível em: <www.correiocidadania.com.br>. Acesso em: 24 mar. 2014.

BOFF, L. *As multidões nas ruas: como interpretar?* 28 jun. 2013. Disponível em: <leonardoboff.wordpress.com/2013/06/28/>. Acesso em: 24 mar. 2014.

CHAUÍ, M. *O inferno urbano e a política do favor, tutela e cooptação*. 28 jun. 2013. Disponível em: <blogdaboitempo.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.

G1-POLITICA. *Em cartazes, analistas avaliam 1 mês de manifestações nas ruas*. 07 jul. 2013. Disponível em: <g1globo.com/politica/fatos2013/07/>. Acesso em: 27 fev. 2014.

LOCATELLI, P.; VIEIRA, W. O Black Bloc está na rua. *Carta Capital*, São Paulo, 21 ago. 2013. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/revista/760>. Acesso em: 07 abr. 2014.

PINHEIRO, R. F. *O movimento de manifestação internacional 'slurwalk' ou 'marcha das vadias' sob a ótica do 'comportamento da vítima' do artigo 59 do Código Penal*. s. d. Disponível em: <www.ambito-juridico.com.br>. Acesso em: 15 abr. 2014.

RIDENTI, M. Que juventude é essa? Folha de São Paulo, 23 jun. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/opiniaão/2013/06>. Acesso em: 24 mar. 2014.

STEDILE, J. P. *Empreiteiras e Globo se apropriaram de gastos exagerados da Copa*. 25 jun. 2013. Disponível em: <www.viomundo.com.br>. Acesso em: 24 mar. 2014.

ZÜQUETE, J. P. Por que ser um black bloc. *Revista de História*, Rio de Janeiro, 01 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.rhbn.com.br/secao/capa/por-que-ser-um-black-bloc>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<fistrj.blogspot.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.

<marxismo21.org/junho-2013-2/>. Acesso em: 19 mar. 2014.

<www.fgv.com.br/cepdoc>. Acessos em: 25 mar. 2014, 15 abr. 2014 e 16 abr. 2014.

<www.mpl.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2014.

<www.mst.org.br>. Acesso em: 24 mar. 2014.

<www.pstu.org.br>. Acesso em: 18 mar. 2014.

Notas:

¹ Professor Titular em História da Educação na UNICAMP. Aposentado e colaborador. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil" – HISTEDBR. E-mail: sanfelize00@yahoo.com.br.

² Há registros em dois formatos na internet: ora aparece como Frente Internacional, ora como Frente Internacionalista – FIST. Em <fistrj.blogspot.com.br> (acesso em: 19 mar. 2014) consta FIST – Ocupar, resistir, produzir e, o registro do seu 8º Congresso realizado em 15 e 16 de março do qual participaram muitas entidades e movimentos. O referido Congresso aprovou como eixos de luta, dentre outros, os seguintes: Contra as remoções e despejos, com reforma urbana sob o controle dos trabalhadores; Contra a criminalização dos movimentos sociais e, Contra a farsa eleitoral. Fecha-se a comunicação do Congresso com a seguinte chamada: Por uma sociedade socialista! Criar o poder popular! Embora se observe a movimentação da FIST em várias oportunidades e manifestações, não foi possível obter maiores esclarecimentos sobre ela.

³ O Partido Socialista *dos Trabalhadores Unificado se define comprometido com a luta por um mundo mais justo e igualitário, um mundo socialista*. Declara não priorizar as eleições, mas a ação direta como meio de transformar a realidade. Afirma estar presente no movimento sindical, estudantil e popular. É anti-imperialista e a favor da tributação das grandes fortunas e do combate à sonegação fiscal. Defende a expropriação das grandes empresas e a reestatização daquelas que foram privatizadas. Propõe um governo dos trabalhadores da cidade e do campo, bem como a reforma agrária e a luta sem trégua contra o machismo, o racismo e a homofobia. Disponível em: <www.pstu.org.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.

⁴ O Passe Livre se define como um movimento social que luta por um transporte público de verdade, fora da iniciativa privada. Dentre as suas principais bandeiras está a migração do sistema de transporte privado para um sistema público, garantindo o acesso universal através do passe livre para todas as camadas da população. A sua origem remonta a 2003 quando milhares de jovens, estudantes e trabalhadores fecharam as ruas públicas de Salvador (Bahia) contra o aumento da tarifa. A cidade ficou parada por dez dias. Há um documentário sobre aqueles fatos chamado 'A Revolta do Buzu' de autoria de Carlos Pronzato. Na ocasião a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) teriam tentado liderar um movimento que não iniciaram mas, não conseguiram. Em 2004 acontecimentos semelhantes aos de Salvador sucederam-se em Florianópolis (Santa Catarina) na denominada 'Revolta da Catraca'. Em 2005 o 'Movimento pelo passe livre' de Florianópolis decidiu realizar um reunião plenária no quinto Fórum Social Mundial. Ali nasceu oficialmente o Movimento Passe Livre, presente hoje nas principais cidades do país. Seus princípios organizativos são: independência, apartidarismo mas não anti partidário, horizontalidade, decisões por consenso e federalismo. Sua articulação é através de Grupos de Trabalho para organizar ações conjuntas, impressos nacionais e o Encontro Nacional do Movimento independente de ONGs, instituições religiosas e financeiras. *A força deve vir das ruas*. "O MPL não tem um fim em si mesmo, deve ser um meio para a construção de uma outra sociedade" que "ultrapasse os limites do capitalismo, vindo a se somar a movimentos revolucionários que contestam a ordem vigente". (Disponível em: <www.mpl.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2014).

⁵ Em <www.mst.org.br> (acesso em: 24 mar. 2014) estão elencadas as bandeiras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, bem como o modo pelo qual são concebidas na ótica do Movimento. Dizem respeito à Cultura, à Reforma Agrária, ao Combate à Violência Sexista, à Democratização da Comunicação, à Saúde Pública, ao Desenvolvimento da Economia, à Diversidade Étnica, ao Sistema Político e à Soberania Nacional e Popular.

⁶ "Movimento político suprapartidário em defesa do retorno de eleições diretas para a presidência da República. Tendo se iniciado em maio de 1983, o movimento ganhou dimensões políticas e sociais mais amplas, culminando numa série de comícios, nos

primeiros meses de 1984, que mobilizaram milhões de brasileiros quando da campanha para a sucessão do governo do general João Batista Figueiredo, último presidente do regime militar instituído em 1964⁷. A última eleição direta havia ocorrido em 1960, sendo eleito para presidente Jânio Quadros. O movimento Diretas Já contou com grande adesão popular e se manifestou pelo Brasil afora contando com a reunião de pessoas em milhares. Recebeu muita cobertura da mídia, teve a presença de artistas, dos partidos e políticos de oposição, revestindo-se de matizes nacionalistas com os símbolos pátrios. Cf. <www.fgv.br/cepdoc>, acesso em: 25 mar. 2014>.

⁷ “Movimento organizado no início de 1964 com a finalidade de sensibilizar a opinião pública contra as medidas que vinham sendo adotadas pelo governo João Goulart. Congregou setores da classe média temerosa do ‘perigo comunista’ e favoráveis à deposição do presidente da República. Dissolveu-se pouco depois do movimento político-militar de 31 de março de 1964. Segundo seus articuladores, o movimento da Marcha da Família foi uma resposta ao comício realizado no Rio de Janeiro em 13 de março de 1964, durante o qual o presidente João Goulart anunciou seu programa de reformas de base. O movimento consistiu numa série de manifestações, ou ‘marchas’, organizadas principalmente por setores do clero e por entidades femininas. A primeira dessas manifestações ocorreu em São Paulo, a 19 de março, tendo como principal articulador o deputado Antonio Silvio da Cunha Bueno, apoiado pelo governador Ademar de Barros, que se fez representar no trabalho de convocação por sua mulher, Leonor de Barros. Preparada com o auxílio da Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), da União Cívica Feminina, da Fraterna Amizade Urbana e Rural, entre outras entidades, a marcha paulista recebeu também o apoio das classes produtoras do estado, através da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. O manifesto de convocação contou com a assinatura de 30 entidades lideradas pelo Conselho de Entidades Democráticas, representado por André Faria Pereira. O jornal *O Estado de São Paulo* divulgou a manifestação, que contou com a participação de cerca de trezentas mil pessoas, entre as quais Aura de Moura Andrade, presidente do Senado, e Carlos Lacerda, governador do estado da Guanabara. A marcha saiu da praça da República e terminou na praça da Sé, com uma missa ‘pela salvação da democracia’. Durante o trajeto foi distribuído o Manifesto ao povo do Brasil, convocando a população a reagir contra Goulart. A iniciativa da Marcha da Família repetiu-se em outras capitais, o que as tornou conhecidas como ‘marchas da vitória’. A marcha do Rio de Janeiro, articulada pela Camde, levou às ruas cerca de um milhão de pessoas no dia 2 de abril de 1964”. (Disponível em: <www.fgv.br/cepdoc>. Acesso em: 15 abr. 2014).

⁸ “Denominação com que ficou conhecida a manifestação realizada no Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1968, da qual participaram cerca de cem mil pessoas que protestavam contra as violências praticadas pela polícia alguns dias antes no centro da cidade, atingindo estudantes e populares. Promovida pelo movimento estudantil – na época o principal núcleo de oposição ao regime militar instaurado no país em março de 1964 –, a marcha contou também com a participação de intelectuais, operários, profissionais liberais e religiosos, além da adesão maciça de populares. As principais reivindicações dos manifestantes eram o restabelecimento das liberdades democráticas, a suspensão da censura à imprensa e a concessão de mais verbas para a educação”. (Disponível em: <www.fgv.br/cepdoc>. Acesso em: 15 abr. 2014).

⁹ Na ocasião destacou-se o movimento dos Caras Pintadas. “Denominação dada aos jovens e estudantes que se reuniram em manifestações públicas durante o processo de impeachment do presidente Fernando Collor em agosto e setembro de 1992. A principal característica desse movimento que lhe deu o nome, foi o uso das cores preto, verde e amarelo pintadas nos rostos de todos que foram para as ruas pedir o impeachment do presidente e prisão do empresário Paulo César Farias – tesoureiro da campanha eleitoral e principal articulador do esquema de corrupção montado no governo. A partir de agosto a juventude tomou as ruas. A ampla participação dos jovens no processo de impeachment de Collor foi caracterizado por espontaneidade, pluralidade de pensamentos políticos e irreverência da juventude”. Foram dezenas de manifestações por todo o Brasil e contando-se, sempre, com a presença de milhares de pessoas (Disponível em: <www.fgv.br/cepdoc>. Acesso em: 16 abr. 2014).

¹⁰ Segundo Pinheiro (s. d.): “O movimento de manifestação internacional denominado ‘Marcha das Vadias’ ou ‘Marcha das Vagabundas’ tem se estendido por todas as principais cidades do mundo ocidental, trata-se de movimento que levanta a ideia de que as vestimentas e atitudes da mulher livre não devem ser utilizadas como justificativas ou fator contribuinte para a ocorrência da violência sexual. [...] O movimento de manifestação internacional denominado ‘Marcha das Vadias’ ou ‘Marcha das Vagabundas’ tem sua origem em abril do ano de 2011, na cidade de Toronto, no Canadá [...] A primeira manifestação realizada no Brasil ocorreu em 4 de junho de 2011, reunindo, segundo dados da Polícia Militar do Estado de São Paulo, cerca de 300 pessoas, sendo seguida por Recife, Belo Horizonte e Brasília, esta última com a participação de 800 pessoas. [...] Segundo Priscilla Manzenotti o movimento reivindica o direito das mulheres de se vestirem e agirem como quiserem, sem serem reprimidas por sua sexualidade. De acordo com Julia Zambini o movimento é realizado por feministas que buscam a igualdade de gênero”.

Recebido em: 06/2014

Publicado em: 02/2015.